

Brasil: último lugar em qualidade de vida

por Cláudia de Souza
de São Paulo

O Brasil está atrás dos "tigres" asiáticos não só na competitividade de seus produtos nos mercados mundiais. Também na qualidade de vida de seu povo, na disponibilidade de serviços de saúde para seus trabalhadores, na qualificação técnica de sua mão-de-obra e até mesmo na proporção de pessoas que lêem jornais, o Brasil aparece hoje nos últimos lugares, ficando bem atrás de Cingapura e da Malásia — líderes entre as economias de industrialização recente —, e de Taiwan, Coreia, Hong Cong, Tailândia, México e Indonésia.

A distribuição de renda brasileira, por exemplo, é a pior de todas, ficando atrás da indiana. Cerca de 62% de sua renda total concentra-se nas mãos dos 20% mais ricos, ficando 2,4% para as famílias mais pobres. É o pior perfil, de acordo com dados de instituições multilaterais, como o Banco Mundial, reunidos num estudo do World Economic Forum e International Institute for Management Development, entidades independentes sediadas na Suíça, o World Competitiveness Report 1991.

No Brasil, apenas 48 em cada mil habitantes compravam jornais em 1986 (último ano coletado pelo estudo). Somente na Tailândia, Índia e Indonésia os dados de circulação de jornais são tão restritos. No México, a proporção de pessoas que compram jornais é de 124 em cada mil habitantes e, em Cingapura, 289. No mundo desenvolvido, esse índice de leitura de jornais é similar ao

brasileiro em Portugal (41 em cada mil habitantes compram jornal), sendo 193 em mil a proporção na França, 105 na Itália e 259 nos Estados Unidos.

Baseado em respostas a questionários devolvidos por cerca de 1.400 executivos de empresas em todo o mundo, o estudo do World Economic Forum mostra um quadro ainda pouco favorável tanto da qualidade de vida da população quanto da sua adequação às necessidades das empresas para competirem no mercado internacional hoje.

Para esses executivos, o impacto do uso de álcool e drogas na fábrica no Brasil está entre os mais altos, se comparado às outras economias de industrialização recente. Em números índices, o Brasil conta 39,08 pontos contra 100; apenas o México (42,92) e a Índia (40,77) apresentam índices tão altos. No mundo desenvolvido, porém, eles são

Cerca de 62% da
renda nacional
está com os
20% mais ricos

ainda mais elevados: nos Estados Unidos, por exemplo, o índice é de 60, tomando-se o número índice 100.

O padrão dos serviços de saúde disponíveis para os trabalhadores brasileiros também é considerado um dos piores. Com 46,26 pontos em relação ao índice 100, o Brasil perde apenas para a Indonésia. O México

conta 56,50 e Cingapura, o melhor cotado, conta com 82,18 em números índices.

O Brasil, segundo a mesma pesquisa entre executivos, figura em último lugar no que os executivos vêem como impacto da urbanização no preparo profissional e de atitudes da mão-de-obra disponível para as empresas, embora a proporção da população urbana para o total da população esteja entre as mais altas do mundo em desenvolvimento.

O pessoal brasileiro de melhor formação tem uma das mais altas tendências a procurar trabalho no estrangeiro, sendo de 64,33 tomando o número índice 100. Esse dado, porém, é alto em todos os países de industrialização recente, sendo ainda maior em Hong Cong, Índia e Cingapura.

De acordo com o relatório — que reúne dados sobre a mão-de-obra dos vários países do Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Internacional do Trabalho e Unesco, entre outras agências —, a estrutura de emprego brasileira está entre as menos competitivas do ponto de vista das empresas, embora, de modo geral, o País, juntamente com a Índia, esteja entre os que apresentam maior disponibilidade de trabalhadores, por força do tamanho de sua população.

O Brasil tem uma das mais altas taxas de crescimento de sua força de trabalho, de 3,65% ao ano em média entre 1981 e 1988. Apenas na Índia ela é mais alta, de 4,36%. Em Cingapura e Hong Cong elas estão em torno de 1,5%.

Entre 1981 e 1988, o Brasil apresentou uma das mais altas taxas de crescimento do emprego, de 3,96% (percentual composto, ao longo desses anos), só superada pelo México, de 4,51%. Por setor, em 1988, o Brasil tinha 24,58 de sua população empregada, (os dados incluem apenas emprego formal) na agricultura; 23,82 na indústria a pesquisa (exclui mineração) e 46,84% nos serviços, um perfil semelhante ao México, por exemplo.

Em 1989, as mulheres representam 33,82% da força de trabalho brasileira, uma das mais baixas taxas de integração feminina do emprego, sendo ainda mais baixa no México, com 27,80%, e na Índia, onde representa apenas 15,54% da população formalmente empregada.

Para os executivos de empresas consultados pelo estudo do World Economic Forum, o Brasil figura entre os países mais tendentes a ter altas taxas de desemprego nos próximos dois anos, por força de estar entre os que são considerados como propensos a permanecer em recessão profunda no mesmo período. Para as empresas, a disponibilidade de pessoal qualificado está entre as mais baixas, perdendo para a Indonésia e Tailândia, embora seu "pool" (disponibilidade) de mão-de-obra esteja entre os mais altos.

A posição melhora, porém, no que diz respeito à disponibilidade de engenheiros qualificados. O Brasil figura em quarto lugar, perdendo apenas para a Índia (que apresenta a melhor disponibilidade), Taiwan e Cingapura.

Em termos de disponibilidade de gerentes de alto nível, o Brasil também está bem posicionado: ocupa a terceira posição, vindo atrás do México e de Cingapura.

Para os executivos consultados, a motivação do trabalhador brasileiro, entendida como a maior ou menor identificação dos

Uma das taxas mais altas no crescimento do emprego

empregados com os objetivos da empresa em que trabalham, está entre as mais baixas. Em números índices, o Brasil tem 50,57 para 100, perdendo apenas para a Índia (46,92). Cingapura tem o maior índice de comprometimento visto dessa maneira (índice de 68,97).

De acordo com a pesquisa, o Brasil ocupa o último lugar entre as economias de industrialização recente (Hong Cong, Índia, Indonésia, Coreia, Malásia, México, Cingapura, Taiwan e Tailândia) no que diz respeito à existência e uso eficaz de incentivos aos trabalhadores, como participação nos lucros e planos de compra de ações.

Também é desfavorável sua posição no que diz respeito à flexibilidade da força de trabalho, entendida como a disposição dos trabalhadores de mudar de local de trabalho ou ser retrainado: o País conta com 56,03 pontos em referência

ao índice 100. Cingapura e Indonésia apresentam o maior índice de flexibilidade, em torno dos 70 pontos.

A atividade sindical, no Brasil, é considerada entre os executivos como uma das mais conturbadas, perdendo apenas para a Coreia.

Cingapura, Malásia e Indonésia apresentam para eles o ambiente mais favorável.

Os dados relativos à educação — elaborados com base em estatísticas das agências multilaterais —, são desanimadores. O Brasil, entre as dez economias de industrialização recente mais desenvolvidas, tem um dos menores volumes de gastos públicos com educação: US\$ 1,96 bilhão em 1988, US\$ 118,90 per capita, a quinta posição, atrás de Taiwan, Cingapura, Hong Cong e Coreia.

O documento do World Economic Forum, porém, nota que os orçamentos para a educação estão caindo em numerosos países como proporção do Produto Interno Bruto. "Pode-se aceitar que em países onde o desemprego é de 5 a 10% seja impossível treinar o número necessário de engenheiros eletrônicos e técnicos de computação, como vem acontecendo", pergunta, num artigo escrito especialmente para o Report, o presidente do conselho da École Polytechnique de Paris, Bernard Esambert.

Essa é a quarta de uma série de matérias publicadas nas edições de 20, 21 e sábado, 22, e segunda-feira, 24 de junho sobre a competitividade do Brasil em relação ao mercado mundial, divulgando as conclusões do relatório The World Competitiveness Report 1991, elaborado pelo World Economic Forum e pelo International Institute for Management Development.